Os historiadores apontam que a filosofia nasceu na Grécia antiga na relação da genialidade do homem grego e o intercâmbio com os povos do Oriente. Mas é na capacidade de se espantar e se admirar que a filosofia encontra o porquê de sua existência. Porém, o interesse do homem pela realidade ao seu redor não é a única questão filosófica. Existe uma singularidade na proposta de sermos impulsionados a refletir sobre a vida resultante do fato que fomos criados a imagem e semelhança do nosso Criador.

A filosofia também pode ser vista com uma necessidade existencial, pois, em certo sentido, todos somos filósofos. Mas há aqueles que se dedicam sistematicamente em busca das respostas sobre a nossa existência e é este conjunto de saberes que denominamos filosofia.

O auto John frame relaciona três realidades com as principais disciplinas da filosofia. A perspectiva normativa ele relaciona com a teoria do conhecimento na epistemologia. A perspectiva situacional, ele relaciona com a teoria da realidade na ontologia. E a perspectiva existencial ele relaciona com a teoria dos valores na ética.

A ontologia pode ser encontrada na origem da filosofia grega. A busca em conhecer o elemento originador e sustentador de todas as coisas é o que caracteriza a discussão ontológica. De acordo com Van Til, em seu nascimento, a filosofia grega revela uma direção apóstata. A filosofia grega concebeu sua própria teoria da realidade autônoma. Para os cristãos, a questão ontológica é de suma importância, pois o que dizemos a respeito da origem e natureza da realidade encaminha nossas afirmações sobre como podemos conhece-la.

Seguindo a trajetória filosófica, em compreender com maior clareza o espírito de nosso tempo, chegamos ao realismo ontológico, que afirma a postura mais imediata de todo o ser humano: a realidade existe independente da percepção humana. Esta postura foi estabelecida desde a antiguidade até o período medieval.

O período moderno traz consigo a revolução ante o realismo ontológico. René Descartes trilha um caminho filosófico em suspeitar de tudo que estava posto, até das convicções certas e seguras. A clássica anedota filosófica – penso, logo existo! – torna-se o ponto de partida da filosofia moderna. A partir da razão humana, Descartes afirma o papel fundamental da subjetividade. Com René Descartes, a filosofia passa a compreender que o sujeito e não os entes deveriam ter a palavra final sobre a natureza do real.

É com o filósofo alemão Immanuel Kant que vemos mais um nível da revolução do pensamento moderno. Kant afirma que não podemos ter acesso às coisas como elas de fato são, mas simplesmente à maneira como elas se nos apresentam. O tempo e espaço seriam apenas modos através dos quais o sujeito capta as coisas sensíveis. A filosofia kantiana então gera uma mudança radical em relação à ontologia clássica. Agora, os objetos devem ser adequados de acordo com a estrutura cognitiva do sujeito que recebe. Para Kant, o sujeito tem controle sobre o processo de validação do conhecimento sobre o objeto.

Chegando no pensamento de Nietzsche, vemos uma inversão epistemológica radical. Para Nietzsche, a verdade é um conceito relacionado às nossas escolhas. Essa concepção de verdade, como a defendida por Nietzsche, é completamente dependente de uma ontologia antirrealista.

Com Jean-Paul Sartre, vemos a afirmação que o homem é um ser no qual a existência precede a essência. A revolução filosófica na modernidade tem em Sartre a forma mais sistematizada.

Se por um lado, a filosofia moderna, foi se afastando cada vez mais do realismo ontológico, o cristianismo está mais próximo. No cristianismo, Deus é apresentado como absoluto e pessoal ao mesmo tempo. O Deus cristão reúne unidade e multiplicidade. A doutrina da criação é fundamental ao cristianismo. Todos esses são elementos essenciais na ontologia cristã.

A narrativa da criação, então, passa a ter implicações ontológicas que aproximam a ontologia cristã de uma perspectiva realista. Gênesis 1, tem o objetivo de firmar a identidade do povo hebreu como nação. Deus cria todas as coisas por intermédio de sua Palavra e Jesus Cristo é o agente criacional na criação de Deus. Assim, entendemos na narrativa da criação que todas as coisas foram significadas no ato criador de Cristo. Compreendemos que o cristianismo é uma perspectiva realista, ou seja, os entes possuem existência real antes da experiência subjetiva deles.